



A apoteose da fome

Rua Direita, de Anderson Borges Costa

Pedro Cornelio Vieira de Castro*

Alimentada de oposições, a literatura dinamiza as dicotomias para estimular a construção de imagens mais poéticas e duradouras no imaginário do leitor. Dessa forma, *Rua Direita*, de Anderson Borges Costa, joga com os contrários e potencializa imagetivamente a narrativa em terceira pessoa enquanto estaciona, no populoso centro comercial de São Paulo, um romance sobre a existência da fome personificada em um anônimo indigente. Com um eterno vazio na barriga e uma infinita vontade de comer, capaz de devorar tudo, o personagem principal vaga pelo asfalto, alimentado unicamente de visões fantásticas que surgem pela avenida.

Ao ouvir uma música que o remete à infância, o protagonista se descobre na rua que leva o nome ao título. A canção é a famosa de ninar “Se essa rua, se essa rua fosse minha...” e se inicia antes mesmo da prosa. Logo no sumário, os dezessete capítulos são divididos por palavras que compõem a popular canção: “Se” é o primeiro e “Pedrinhas”, o último. A construção atípica do romance é o primeiro diálogo entre prosa e poesia. A presença constante da música explicita um lirismo marcado pelo eterno compasso da fome, o querer-comer sobre o não-poder-comer. É essa impossibilidade que dá ritmo aos eventos que ocorrem na Rua Direita.

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A cada capítulo, uma experiência atípica: um bloco de carnaval adentrando a avenida; a seleção brasileira de 1970 armando o time para jogar com a população; um ringue de boxe no meio do asfalto. As referências à cultura popular fazem parte de outra característica diegética marcante. O narrador sempre trabalha as imagens conforme acrescenta a presença de artistas de renome às desventuras do anônimo protagonista. A técnica não é exatamente original: Hilda Hilst brincava com João Cabral de Melo Neto, Leila Diniz preenchia os devaneios do narrador de Reinaldo Moraes, Descartes virava nome de cavalo em romance policial de Fausto Wolff. Em *Rua Direita*, o indigente cita Machado de Assis, ouve as músicas de Caetano Veloso, se lembra de *Ilha das flores* de Jorge Furtado e dança com Gene Kelly.

É certo que muitas vezes não sabemos – e nem o romance deixa claro – se essas situações apoteóticas são miragens produzidas pela fome, pela alucinação de um louco de “aspecto roto”, ou se são distorções da realidade criadas pelo narrador. A díade realidade-sonho instaura um diálogo entre o real e o onírico que nos faz desconfiar de cada passo do protagonista e hesitar até a última página. No capítulo 13, o indigente sobe em um ringue de boxe montado subitamente no meio da rua para enfrentar um “sério oponente”:

Com um olhar misturado de surpresa e fome, ele encarou o oponente por alguns segundos. Viu um par de castanhos olhos sérios esbugalhados sob uma testa que enrugava precocemente. Alguns fios de cabelo cobriam as rugas da testa sustentada por um longo e achatado nariz sem ponta (p. 105).

A descrição precisa do rosto do rival nos dá certeza da existência em carne e osso daquele ser, mas o episódio é tão absurdo, tão estranho, que não sabemos se é fruto da imaginação do sem-teto ou de uma realidade em que um ringue surge tão velozmente. No fim, para completar o improvável, o cambaleante protagonista vence o jovem oponente e, como prêmio, tem direito a “um kit da *Esquina do Povão* com 13 camisetas sociais, 25 pares de meias brancas, 12 pares de sapatos e 18 camisetas, além de poder exercitar a eficiente pressa do paulistano, podendo comprar na loja o que quiser e for capaz durante 3 minutos” (p. 104).

É chegada a hora da revelação? Se o indigente pegasse o prêmio e usufruísse dele, talvez fosse a hora não só de acabar com a fome, mas mostrar a todos – personagens, esquinas e leitores – que não era um simples sem-teto alucinado. A Rua Direita teria um verdadeiro campeão. Um pugilista faminto, que vencia o oponente na frente de centenas de vibrantes torcedores. Entretanto, o narrador não nos sacia. É a fome a única certeza da narrativa. O herói dos ringues, o passista da avenida, que desfilou pelos campos de asfalto contra a seleção canarinho, só pensa em uma coisa: comer. Largou o prêmio, dispensou a fama, fugiu do ringue. Deixou o leitor plantado, de pé, esperando com o kit na mão, faminto por respostas que não viriam.

A essa hora o narrador deixa claro que o romance, em terceira pessoa, envolve protagonista e leitor. Ambos estão enredados “em uma absurda teia” que envolve esse universo fictício aparentemente longe das regras de verossimilhança do nosso, mas com imagens tão oníricas quanto reais. O espaço geográfico que situa a Rua Direita fazendo esquina com a Praça da Sé; a selva de edifícios com os pés da população parecendo peixes a nadar no mar de concreto; o bafo quente do asfalto soprando na cara de comerciantes cada vez mais

exaustos pela opressão do ar poluído da capital paulistana. Só resta ao autor construir essas imagens de vastidão de granito: é nesse cenário que habita o protagonista, que, assumindo não ter forças para escapar, se refresca no chão de pedra; deseja derreter a pedra para bebê-la; lava as mãos com a pedra e se sente limpo: “Pedra-sabão”.

A rigidez do asfalto também assume características de crítica social. O rico empresário é aquele incapaz de dar um cafezinho sequer para o pobre indigente, mas o presenteia com a repressão cruel e estúpida da Polícia Militar de São Paulo. No romance, quem não tem dinheiro para pagar não tem direito de pedir. Bolso furado só compra cassetete e algema. Tão absurdo quanto real.

A marginalidade compõe o romance junto com a cantiga de ninar que acompanha o protagonista. Essa harmonia de opostos é a trilha sonora da fome que dinamiza a realidade da personagem principal. Se de um lado desfila, vence no boxe e joga bola com a invencível seleção de 70, de outro é estuprado, espancado e algemado. Tudo em nome da fome. Cada vez mais confinados nas paredes de concreto da Rua Direita, trancafiados por esquinas que não conseguem transpor, protagonista e leitor se perdem no labirinto de delírio montado pelo narrador. As pedras cantadas já no início ladrilham um único caminho: “Nesta rua nesta rua tem um bosque, que se chama que se chama solidão”: é o desfecho, a canção final, única e possível da narrativa.

Quando finalmente o andarilho consegue, sem o menor esforço, a ajuda de dez reais para comprar um salgado e um refrigerante, lhe sai da boca a síntese de todo o romance, de todas as aventuras que a Rua Direita lhe proporcionou. O apelo poético centralizado na construção: “Sinto a sede de uma galáxia deserta” sai como um balbuciar delirante, o linguajar incompreensível da fome, caracteri-

zado na narrativa como a força da palavra “não-palavra”. O dinheiro, então, lhe escapa das mãos. O terror de estar diante de um louco maltrapilho coloca o único ajudante a correr, aos gritos.

Rua Direita se equilibra em prosa e poesia, na interação do cosmos exterior da selva de concreto paulistano com o mar lírico do interior do protagonista. Por isso, a ele é permitido se refrescar na pedra, se limpar com “pedra-sabão”. A fome, esse vazio no estômago, é onipresente na obra. Grita por comida, ao mesmo tempo que devora a sanidade do indigente. É ela que invade as ruas e cria miragens, desejos e a realidade do cotidiano metropolitano. A fome cria a abundância de imagens do romance, sem precisar contagiar nenhum outro personagem da trama. Só protagonista e leitor.